



100% ON-LINE

A Contabilidade e as
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



Fatores Endógenos no Desempenho das Empresas Brasileiras

Lorrana Damaris Soares Garcia

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: loh.lorrana@gmail.com

Rafael Martins Noriller

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: rafael.mnoriller@gmail.com

Josimar Pires da Silva

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: josimarctb@gmail.com

Resumo:

O desempenho se tornou alvo de todas as empresas em uma época que existe tanta competitividade. Dessa forma, vários pesquisadores do mundo todo buscam sempre estar fazendo estudos sobre o desempenho e seus determinantes de modo a atender os gestores, investidores e empresários por meio de indicadores fundamentalistas, sejam indicadores contábeis, sejam indicadores macroeconômicos. Com base nisso, o presente artigo tem por objetivo analisar o impacto de variáveis endógenas no desempenho de empresas brasileiras. A pesquisa contou com dados anuais de 2014 até 2019 das 50 empresas com maior liquidez na Brasil, Bolsa, Balcão (B3). Assim, para análise foi adotado abordagem com dados em painel por meio de regressão múltipla, contendo três hipóteses e variáveis de controle. Os resultados indicaram relação positiva entre a Estrutura de Capital e o desempenho (retorno acionário). As variáveis (i) Liquidez Corrente e (ii) Tamanho (Ativo Total) não apresentam relação significativa a 10% com o retorno acionário. Conclui-se que existe o impacto da variável endógena no retorno acionário das empresas da B3.

Palavras-Chave: Desempenho; Retorno Acionário; B3; Fatores Endógenos; Estrutura de Capital.

Linha Temática: Mercado de Capitais.

1. INTRODUÇÃO

Uma das expectativas dos empresários é atrair investidores para a sua organização, mas os investidores se preocupam com os riscos ao aplicar capital nas empresas. Para Mantin e Rubin (2018) os investidores esperam obter um retorno justo pelo risco de investir em uma empresa e buscam uma segurança para o seu investimento, seja por meio de análise das informações contábeis (e.g. Lerman, 2018), seja por outros fundamentos.

Desse modo, fica claro a importância do desempenho financeiro para as empresas, afinal se trata da mensuração do que foi alcançado por ela, sendo um indicador das boas condições da empresa em um período (Idada, Atu & Kingsley, 2019). E o desempenho depende muito de como ele será influenciado, Hoang *et al.* (2019) afirma que identificar e avaliar os fatores que impactam o desempenho financeiro das empresas se tornou tão importante que chama a atenção de pesquisadores do mundo todo.

7 a 9 de setembro

ORGANIZAÇÃO



APOIO

FEPese AICOGestión



100% ON-LINE

A Contabilidade e as
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



Assim, Liu e Peng (2015) em sua pesquisa destacam que investidores procuram fundamentos específicos da empresa, *i.e.*, fatores endógenos, de modo a processar as informações para atualizar suas crenças sobre as perspectivas da organização. Segundo Mardones e Cuneo (2019) os principais fundamentos endógenos das empresas são a alavancagem financeira, risco operacional, liquidez, fluxo de caixa e tamanho da empresa (*e.g.* receita de vendas).

Akintimehin *et al.* (2019) em um estudo recente sobre o efeito dos fatores endógenos no desempenho financeiro das pequenas empresas da Nigéria, como fator endógeno ele analisou o Patrimônio Líquido. Já Mehmood, Hunjra e Chani (2019) fizeram um estudo sobre a estrutura financeira com relação ao impacto sobre o desempenho financeiro nas diversificações corporativas do sul da Ásia, nas empresas do Paquistão, Índia, Sri Lanka e Bangladesh.

Sendo assim, diante da diversidade de pesquisas apresentadas o presente trabalho preenche a lacuna na literatura no que diz respeito aos fatores endógenos no mercado acionário brasileiro: Qual o impacto de variáveis endógenas (*i.e.* Liquidez, endividamento e tamanho) no desempenho (*i.e.* retorno acionário) das empresas brasileiras? Tendo por objetivo analisar o impacto de variáveis endógenas no desempenho de empresas brasileiras listadas na B3

Como contribuição prática o trabalho reporta a ligação de fatores endógenos com o desempenho das empresas, podendo ser utilizadas por gestores na comparação com concorrentes e ainda por parte dos entes públicos na busca de melhoria na economia nacional. No âmbito teórico o trabalho avança na ligação do desempenho com fatores endógenos complementando os trabalhos de Akintimehin, O. *et al* (2019), Ivascu & Barbuta-Misu (2017), Mehmood, Hunjra e Chani (2019), Nezhad, Nasab e Bakhshani (2017), Mardones e Cuneo (2019), Musah e Kong (2019), Gunawan & Daulay (2016), Machado e Faff (2018), entre outros autores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O desempenho da empresa é considerado uma fonte de crescimento sustentável das economias, sendo um dos fatores mais importantes analisados pelos investidores no processo da tomada de decisões (Vieira, Neves & Dias, 2019). Analisar esse desempenho é necessário para todos os negócios, pois obter e manter o desempenho são as condições para se inscrever na ideologia do progresso (Ivascu & Barbuta-Misu, 2017).

Nezhad, Nasab e Rakhshani (2017) destacam que o desempenho pode ser mensurado por meio de diversos indicadores, com destaque para ROA, ROE e Q-Tobin. O ROA é um índice de desempenho que mostra o retorno sobre os ativos totais. Já o ROE é o retorno sobre o patrimônio líquido, *i.e.*, quanto a empresa gera de valor com os próprios recursos e dos seus acionistas (Gunawan & Daulay, 2016). Por fim, o Q de Tobin define o valor da empresa para os investidores (Nezhad, Nasab & Rakhshani, 2017).

E existem vários fatores que influenciam esse desempenho, dividindo-os em exógenos e endógenos (Vieira, Neves & Dias, 2019; Yang, Xia e Cheng, 2017). Esses autores fizeram um estudo em 2019, observando os dois fatores no desempenho, como exemplo de fatores endógenos a liquidez e o tamanho da empresa, já como fatores exógenos o PIB, as dívidas públicas e opiniões de investidores.

Se faz importante saber que os fatores endógenos e exógenos influenciam as medidas de maneira diferente (Vieira, Neves & Dias, 2019) podendo ser positiva ou negativa. Pham, Tran e Nguyen (2018) afirmam que tudo vai depender da reação da empresa com os impactos que recebe do ambiente macro ou da própria estrutura da organização.

7 a 9 de setembro

ORGANIZAÇÃO



APOIO



Há vários estudos pelo mundo que falam sobre esses fatores endógenos no desempenho da empresa. Nohiu e Dermaku (2017) realizaram um estudo em que o gerenciamento do capital de giro exerce influência sobre o desempenho da empresa, diz que isso dá uma vantagem competitiva em relação a outras empresas e que contribui para sua rentabilidade e segurança da liquidez da empresa. Nenu, Vintilă e Gherghina (2018) estudaram a relação da estrutura de capital e o desempenho das empresas de Bucareste, afirmando inexistência de relação significativa a 10%. Gunawan e Daulay (2016) estudaram sobre a estrutura de capital na Indonésia e verificaram que as dívidas de curto e longo prazo afetam negativamente o desempenho da empresa, ou seja, aumento da dívida e redução do desempenho.

Ivascu e Barbuta-Misu (2017) realizaram uma pesquisa com relação a estrutura de capital e o desempenho da empresa do grupo Engie, observando pequenas empresas da França, Polônia, Reino Unido, Alemanha, Itália, Romênia e Espanha existe relação negativa entre as variáveis. Yin e Sheng (2019) analisaram o desempenho das empresas, de Shenzhen – China, com o investimento em insumos de ativos como P&D e encontraram relação positiva com o desempenho futuro, porque a empresa tendo novos produtos se destaca na competitividade e melhora no mercado de ações. Vieira, Neves e Dias (2019) observaram que a liquidez da empresa tem efeito negativo sobre o desempenho das empresas de Portugal.

2.1. Desempenho e estrutura de capital

Ganiyu, Adepola, Rodionova e Samuel (2019) e Oke, Saheed e Quadri (2019) afirmam que a estrutura de capital pode influenciar o desempenho das empresas. Sendo que segundo Nguyen e Nguyen (2020) a estrutura de capital se refere à maneira como uma empresa financia seus ativos combinando passivos e ações. Bem como Tran, Dang, Ly, Vu e Hoang (2019) definem estrutura de capital como uma combinação de passivos (passivo curto e longo prazo) e patrimônio líquido, valores que podem financiar as operações da empresa.

Dessa forma, Gunawan e Daulay (2016) afirmam que a estrutura de capital com relação as dívidas de curto e longo prazo tem relação negativa com o desempenho da empresa. Ivascu e Barbuta-Misu (2017) realizaram estudo sobre a estrutura de capital e desempenho e perceberam uma relação negativa entre eles em empresas da Europa, com exceção ao Reino Unido que teve relação positiva. Nenu, Vintilă e Gherghina (2018) analisaram também a estrutura de capital e desempenho e da mesma forma tiveram resultados negativos.

Assim como os outros autores citados anteriormente, Peizhi e Ramzam (2020) também encontraram relação negativa entre estrutura de capital e o desempenho das empresas. E esse mesmo resultado seguiu sendo encontrado no trabalho de Mouna, Jianmu, Havidz e Ali (2017) em empresas com sede em Marrocos.

Do mesmo modo, Musa e Kong (2019) realizaram um estudo sobre o impacto da estrutura de capital e liquidez sobre o desempenho financeiro das empresas, encontrando relação negativa entre a estrutura de capital e o desempenho. Em complemento, Pham, Tran e Nguyen (2018) encontram resultados similares em um país asiático. Em geral percebe-se que a empresa desenvolve um maior desempenho quando usam os seus próprios capitais. Por isso formulamos a seguinte hipótese:

H1: Existe relação negativa entre o desempenho e a estrutura de capital no Brasil?

2.2. Desempenho e tamanho (ativo total)

O tamanho da empresa pode ser mensurado pelo valor total dos ativos. Segundo Tran *et al.* (2019) o tamanho da empresa nada mais é que os recursos do negócio, através de ativos e receitas. Assim, Nezhad, Nasab e Rakhshani (2017) em seus testes de hipóteses perceberam que o tamanho da empresa tem associação positiva com a relação Q de Tobin e ROA. Vieira, Neves e Dias (2019) e Sayidah, Assagaf e Possumah (2019) também fizeram análises e não confirmaram a hipótese de que o tamanho da empresa possui relação com o desempenho.

Já Mardones e Cuneo (2019) realizaram um estudo em empresas latino-americanas no período de 2000 a 2015 e mostraram que há uma relação positiva entre o tamanho da empresa com o desempenho financeiro, usando como medidas o ROA, ROE e Q de Tobin. Eles observaram que o tamanho da empresa é extremamente importante porque as grandes empresas tendem a gerar retornos maiores colaborando para aumentar seu desempenho.

Mouna, Jianmu, Havidz e Ali (2017) e Tran *et al.* (2019) encontraram relação positiva do desempenho com o tamanho da empresa, mas os trabalhos de Phan, Tran e Nugyen (2018) e Rachman, Firdaus e Sanim (2019) apresentaram relação negativa em seus estudos. Baseado nos artigos, em sua maioria, levanta-se a seguinte hipótese:

H2: Existe relação positiva entre o desempenho e o tamanho da empresa no Brasil?

2.3. Desempenho e liquidez da empresa

Bogdan, Ban e Popa (2017) e Tran *et al.* (2019) identificaram que a liquidez da empresa é um dos principais determinantes do desempenho financeiro das empresas. Sendo assim, Durrah, Rahman, Jamil e Ghafeer (2016) afirmam que a liquidez reflete a capacidade da organização de pagar seus passivos de curto prazo. Em outras palavras, a liquidez é a rapidez da empresa pagar, facilmente, suas obrigações. Dessa maneira, Mardones e Cuneo (2019) esperavam que as empresas da América Latina com maior liquidez também tendessem a gerar maior desempenho, entretanto, os resultados esperados não foram confirmados em sua pesquisa.

Por sua vez, Sheikhdon e Kavale (2016) destacam que a liquidez é fundamental para continuidade das instituições financeiras. Vintilă e Nenu (2016) e Dahiyat (2016) complementam, afirmando que a liquidez é importante para o desempenho das empresas, podendo impactar na lucratividade considerando outros fatores endógenos e exógenos.

Neste contexto, o estudo de Garanina e Belova (2015) destaca que para obter um retorno maior seria preciso manter um nível necessário de liquidez e só assim teria um desempenho financeiro positivo. Por sua vez, Durrah, Rahman, Jamil e Ghafeer (2016), Dermingunes (2016) e Idada, Atu e Kingsley (2019) destacam que a falta de liquidez poderá comprometer o desempenho das empresas, em outras palavras, empresas com pequena liquidez acabam sofrendo redução no seu desempenho. Com base nessas pesquisas, elabora-se a seguinte hipótese:

H3: Existe relação entre o desempenho e a liquidez das empresas no Brasil?

3. METODOLOGIA

Essa pesquisa compreende-se como uma abordagem quantitativa, onde as variáveis foram relacionadas através da regressão de dados em painel, observando o desempenho das empresas em relação com as variáveis endógenas da contabilidade nas organizações brasileiras por testes de hipóteses.

Para Creswell (2016) a abordagem quantitativa utiliza a teoria dedutiva no início da proposta de um estudo, com o objetivo de testar ou verificar uma teoria, assim o pesquisador coleta



100% ON-LINE

A Contabilidade e as
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



dados e reflete sobre a confirmação ou não dos resultados. O trabalho destaca a relação de variáveis endógenas, *i.e.*, indicadores obtidos nos demonstrativos financeiros das empresas, com o retorno acionário. O presente trabalho considerou as 50 empresas com maior liquidez na B3 durante o período de 2014 até 2019.

Os dados endógenos considerados na pesquisa foram: (i) liquidez corrente, (ii) estrutura de capital e também (iii) ativo total da empresa. A coleta de dados considerou o período anual das informações contábeis. Os dados foram coletados no *site* oficiais da Brasil, Bolsa, Balcão (B3) e deflacionados pelo IPCA. Sendo assim, a variável dependente desempenho adotada foi variação percentual anual do preço das ações (*i.e.* retorno acionário). Ainda, as variáveis independentes foram Liquidez Corrente, Estrutura de Capital, e Ativo Total. O modelo adotado na pesquisa é expresso na seguinte forma:

$$RA = \beta_1(LQ) + \beta_2(EC) + \beta_3(AT)$$

Em que,

RA = Mensurado pela variação percentual anual do preço das ações

LQ = Mensurada pela Liquidez Corrente

EC = Mensurada pela Estrutura de Capital

AT = Mensurada pelo Ativo Total

As variáveis e sua relação esperada foram resumidas no Quadro 1.

Quadro 1 – Resumo das variáveis

Variáveis Explanatórias	Sinal Esperado	Trabalhos anteriores
Estrutura de Capital (EC)	Negativo	Nenu, Vintilă e Gherghina (2018) e PeiZhi e Ramzam (2020)
Tamanho (AT)	Positivo	Mouna, Jianmu, Havidz e Ali (2017) e Tran <i>et al.</i> (2019)
Liquidez (LC)	Relação	Durrah, Rahman, Jamil e Ghafeer (2016) e Idada, Atu e Kingsley (2019)

Fonte: Elaborado pelos autores.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A estatística descritiva, por meio da Tabela 2, apresenta que: I) como variáveis da pesquisa apresentaram alto coeficiente de variação (ou seja, maior que 20%); II) uma média de lucro líquido anual de 2,5 milhões de reais; III) o retorno médio anual é de aproximadamente 29%; IV) A Liquidez Corrente é maior que 1,08 (relatando uma capacidade razoável de pagamento no curto prazo).

Tabela 1: Estatística Descritiva (em milhares de reais)

Variáveis	Média	Mediana	Máximo	Mínimo	Desvio Padrão
Ativo	1,48e+5	26.902	1,64e+6	1.472	3,45e+5
AC	1,01e+5	8.300	1,58e+6	625	3,10e+5
Lucro Líquido (LL)	2.595	703	40.970	-4,6e+4	7.608
PC	93.914	5.643	1,49e+6	248,5	2,96e+5
PL	28.078	8.360	2,99e+5	-7,105	50.402

7 a 9 de setembro

ORGANIZAÇÃO



APOIO



Receita de Vendas (REV)	36.480	13.598	3,5+5	636	58.212
RA	04,29	0,20	5,04	-0,85	0,67

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por sua vez, foram realizados os testes de robustez para o modelo adotado na pesquisa. Foi realizado o teste VIF encontrando ausência de multicolinearidade, para normalidade o Teorema do Limite Central, para estacionariedade os testes ADFFisher e PPFisher (encontrando estacionariedade nas variáveis da pesquisa) e para heterocedasticidade foi utilizado a correção de White.

Para Creswell (2016) a abordagem quantitativa utiliza a teoria dedutiva no início da proposta de um estudo, com o objetivo de testar ou verificar uma teoria, assim o pesquisador coleta dados e reflete sobre a confirmação ou não dos resultados. Em tempo, na busca pelo melhor ajustamento ao modelo, foram realizados os testes de Breusch-Pagan e F(Chow) encontrando melhor ajustamento para o *pooled*.

Tabela 2 – *Analysis of the Regression of the RA Independent Variable*

	<i>Pooled</i>
INTERCEPT	-0,0884
D(Ativo)	-4,94e-9
D(REV)	2,79e-9***
LQ	0,0366
EC	0,5629***
LL	5,59e-9**
R²	0,0453
R² adjusted	0,0255
F	2,29
(sig)	0,04

* Statistically significant indicators at 1% ($P < 0,10$)

** Statistically significant indicators at 5% ($P < 0,05$)

*** Statistically significant indicators at 10% ($P < 0,01$)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por meio da Tabela 2, são apresentados os apontamentos do modelo adotado na pesquisa. Assim, a Liquidez Corrente não apresentou relação significativa a 10% no modelo da pesquisa, refutando a Hipótese 3 da pesquisa e não corroborando os trabalhos de Durrah, Rahman, Jamil e Ghafeer (2016) e Idada, Atu e Kingsley (2019). Em outras palavras, na B3 os resultados não foram confirmados.

Por sua vez, o ativo total da empresa (tamanho) não apresentou relação positiva e significativa a 10% com o desempenho das empresas da B3. Destarte, não confirmando os trabalhos de Mouna, Jianmu, Havidz e Ali (2017) e Tran *et al.* (2019) e rejeitando a Hipótese 2 da pesquisa. No que diz respeito a Estrutura de Capital foi encontrada relação positiva e significativa a 1% com o desempenho das empresas, não confirmando a Hipótese 1 da pesquisa e não corroborando com os trabalhos de Nenu, Vintilă e Gherghina (2018), Musa e Kong (2019) e PeiZhi e Ramzam (2020).

As hipóteses da pesquisa não foram confirmadas, possivelmente por características intrínsecas das empresas brasileiras, distintas de outros países. Ainda, outro fundamento importante é a importância de considerar variáveis macroeconômicas nas pesquisas relacionadas ao desempenho acionário. Apenas a variável estrutura de capital apresentou relação com o desempenho.

Por fim, as variáveis de controle adotadas na pesquisa Receita de Vendas (significativa a 1%) e Lucro Líquido (significativa a 5%) apresentaram relação positiva com o desempenho das empresas no mercado acionário nacional. O intercepto não apresentou relação significativa a 10% no modelo adotado na pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo do trabalho em analisar o impacto de variáveis endógenas no desempenho de empresas brasileiras listadas na B3, foram encontradas relações significativas a 10% do desempenho no mercado acionário das empresas com algumas variáveis endógenas.

No entanto, considerando a relação de variáveis endógenas com o desempenho no mercado acionário das empresas listadas na B3, nenhuma das hipóteses da pesquisa foram confirmadas. A ausência de confirmação das hipóteses não reporta ausência de relação, mas sim relação com sinal em não conformidade com os trabalhos considerados na pesquisa.

A pesquisa destaca algumas limitações principais, (i) período de análise de apenas 5 anos-calendário, (ii) ausência de variáveis macroeconômicas na pesquisa, (iii) considerar apenas o mercado acionário nacional, (iv) não efetuar o tratamento dos dados considerando recorte setorial.

Como sugestão para novas pesquisas, seria interessante (i) verificar o impacto de variáveis endógenas e exógenas (concomitantemente) no retorno acionário, (ii) considerar um período de análise maior e contando com diversos países na amostra, (iii) efetuar análise considerando segregação por setores empresariais ou também por setores da economia.

REFERÊNCIAS

- Akintimehin, O. O., Eniola, A. A., Alabi, O. J., Eluyela, D. F., Okere, W., & Ozordi, E. (2019). Social capital and its effect on business performance in the Nigeria informal sector. *Heliyon*, 5(7), e02024.
- Bogdan, V., Ban, O. I., & Popa, D. N. (2017). Applying MPCA Analysis to evaluate Financial Performance of Romanian Listed Companies. *Annals of Faculty of Economics*, 1(1), 235-246.
- CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto. 3 ed., 1.reimpr.2016. Porto Alegre: Artmed, 2016. 296 p.
- Dahiyat, A. (2016). Does liquidity and solvency affect banks profitability? Evidence from listed banks in Jordan. *International Journal of Academic Research in Accounting, Finance and Management Sciences*, 6(1), 35-40.
- Demirgüneş, K. (2016). The effect of liquidity on financial performance: Evidence from Turkish retail industry. *International Journal of Economics and Finance*, 8(4), 63-79.
- Durrah, O., Rahman, A. A. A., Jamil, S. A., & Ghafeer, N. A. (2016). Exploring the relationship between liquidity ratios and indicators of financial performance: An analytical study on food industrial companies listed in Amman Bursa. *International Journal of Economics and Financial Issues*, 6(2).
- Ganiyu, Y. O., Adelopo, I., Rodionova, Y., & Samuel, O. L. (2019). Capital structure and firm



100% ON-LINE

A Contabilidade e as
Novas Tecnologias

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade
3º UFSC International Accounting Congress

7 a 9 de setembro



- performance in Nigeria. *African Journal of Economic Review*, 7(1), 31-56.
- Garanina, T. A., & Belova, O. A. (2015). Liquidity, cash conversion cycle and financial performance: case of Russian companies.
- Gunawan, H., & Daulay, S. R. (2016). The Effect of Capital Structure on Company's Performance. *Journal of Applied Accounting and Taxation*, 1(2), 133-137.
- Idada, A., Atu, O. G., Atu, O. E., & Kingsley, O. (2018) Impacts of Leverage, Repayment Risk and Liquidity on Firm Financial Performance in Nigerian Banks.
- Ivascu, E. V., & BARBUTA-MISU, N. (2017). Influences of the Capital Structure and the Cost of Capital on Financial Performance. Case Study on ENGIE Group. *Risk in Contemporary Economy*, 304-320.
- Lerman, A. (2018). Individual investors' attention to accounting information: Message board discussions. *Available at SSRN 1540689*.
- Liu, H., & Peng, L. (2015). Investor attention: seasonal patterns and endogenous allocations.
- Machado, M. A. V., & Faff, R. W. (2018). Crescimento de ativos e retorno de ações: evidências no mercado brasileiro. *Revista Contabilidade & Finanças*, 29(78), 418-434.
- Mantin, B., & Rubin, E. (2018). Price volatility and market performance measures: The case of revenue managed goods. *Transportation Research Part E: Logistics and Transportation Review*, 120, 35-50.
- Mardones, J. G., & Cuneo, G. R. (2019). Capital structure and performance in Latin American companies. *Economic Research-Ekonomska Istraživanja*, 1-18.
- Mehmood, R., Hunjra, A. I., & Chani, M. I. (2019). The Impact of Corporate Diversification and Financial Structure on Firm Performance: Evidence from South Asian Countries. *Journal of Risk and Financial Management*, 12(1), 49.
- Mouna, A., Jianmu, Y., Havidz, S. A. H., & Ali, H. (2017). The impact of capital structure on Firms performance in Morocco. *International Journal of Application or Innovation in Engineering & Management*, 6(10), 11-16.
- Musah, m., & Kong, y. (2019). The effect of liquidity and capital structure on the financial performance of firms listed on the ghana alternative market (gax). *International Journal of Research in Economics and Social Sciences (IJRESS)*, 8(2).
- Nenu, E. A., Vintilă, G., & Gherghina, Ș. C. (2018). The impact of capital structure on risk and firm performance: Empirical evidence for the Bucharest Stock Exchange listed companies. *International Journal of Financial Studies*, 6(2), 41.
- Nezhad, H. Z., Nasab, H. V., & Rakhshani, M. (2017). The relationship between capital structure and accounting criteria for evaluating the performance of companies listed on the Tehran Stock Exchange. *Bulletin de la Société Royale des Sciences de Liège*.
- Nguyen, T., & Nguyen, H. (2020). Capital structure and firm performance of non-financial listed companies: Cross-sector empirical evidences from Vietnam. *Accounting*, 6(2), 137-150.
- Nuhui, A., & Dërmaku, A. (2017). A theoretical review on the relationship between working capital management and company's performance. *Acta Universitatis Danubius. Œconomica*, 13(3).
- Oke, L. A., Saheed, D. O., & Quadri, Y. O. (2019). An Empirical Analysis Of Corporate Capital Structure and Financial Performance of Listed Conglomerates In Nigeria. *Copernican Journal of Finance & Accounting*, 8(3), 93-112.
- PeiZhi, W., & Ramzan, M. (2020). Do corporate governance structure and capital structure matter for the performance of the firms? An empirical testing with the contemplation of outliers. *Plos*

7 a 9 de setembro

ORGANIZAÇÃO



APOIO





100% ON-LINE

10º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças
10º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade
3º UFSC International Accounting Congress

A Contabilidade e as
Novas Tecnologias

7 a 9 de setembro



one, 15(2), e0229157.

Pham, C. D., Tran, Q. X., & Nguyen, L. T. N. (2018). Effects of Internal Factors on Financial Performance of Listed Construction-Material Companies: The Case of Vietnam. *Research Journal of Finance and Accounting*, 9(10).

Rachman, L. C. T. P., Firdaus, M., & Sanim, B. (2019). The transition of enhancing financial performance in the mining and agriculture sector. *Jurnal Keuangan dan Perbankan*, 23(3), 351-360.

Sayidah, N., Assagaf, A., & Possumah, B. T. (2019). Determinant of state-owned enterprises financial health: Indonesia empirical evidence. *Cogent Business & Management*, 6(1), 1600207.

Sheikhdon, A.A., & Kavalae, S. (2016). Effect of liquidity management on financial performance of commercial banks in Mogadishu, Somalia. *International Journal for Research in Business, Management and Accounting*.

Tran, H. T. T., Dang, A. K., Ly, D. V., Vu, H. T., Hoang, T. V., Nguyen, C. T., ... & Dang, H. V. (2019). An improvement of real-time PCR system based on probe modification is required for accurate detection of African swine fever virus in clinical samples in Vietnam. *Asian-Australasian Journal of Animal Sciences*.

Vieira, E. S., Neves, M. E., & Dias, A. G. (2019). Determinants of Portuguese firms' financial performance: panel data evidence. *International Journal of Productivity and Performance Management*.

Vintilă, G., & Nenu, E. A. (2016). Liquidity and profitability analysis on the Romanian listed companies. *Journal of Eastern Europe research in business & economics*, 2016, 1-8.

Yang, Z., Xia, L., & Cheng, Z. (2017). Performance of Chinese hotel segment markets: Efficiencies measure based on both endogenous and exogenous factors. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 32, 12-23.

Yin, M., & Sheng, L. (2019). Corporate governance, innovation input and corporate performance. *Nankai Business Review International*.



ORGANIZAÇÃO





APOIO


